JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS	
Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »

Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETARIO E EDITOR
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
 TYPOGRAPHIA PENINSULAR
 Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES	
No corpo do jornal	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados	50 » » »
Repetições	25 » » »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes	

AS FINANÇAS PUBLICAS

II

Em Portugal os successivos e enormes empréstimos, e as contínuas remessas de dinheiro da nossa colonia no Brazil (*temos dito e repetido muitas vezes*) animaram o commercio, a industria, e o trabalho, e faziam crer no progresso da riqueza publica, na verdade em grande parte illusorio, porque esses capitães eram adventícios, e se dispendiam em obras, não reproductivas, em salarios a novos funcionarios, em gratificações a outros, e as crises deviam manifestar-se, a moretaria sobretudo, cessando de correr aquellas fontes, e não se dando, nem sendo possivel dar-se prompto remedio ao desequilibrio no orçamento geral, segundo a expressão do auctor, que citamos.

Em 1869 escrevemos no *Districto d'Aveiro* alguns artigos, que reunimos n'um folheto, *A Politica e as Finanças*, onde punhamos em relevo esse desequilibrio, as causas de que provinha, e a sua funesta influencia sobre toda a economia do paiz. Espalhamos o folheto, fomos entregal-o ao sr. Joaquim Antonio d'Aguiar, e foi desde então, que os governos pareciam empenhados a capricho em augmentarem aquelle desequilibrio.

Encontrando um jornalista e deputado, todo do sr. Fontes, pelo que lhe chamavam o compadre Tavares, na sala de leitura da Associação Geral da Agricultura, perguntei-lhe, o que pensava do folheto — respondeu-me — **que o dinheiro não é a riqueza** — estáfado axioma da moderna economia politica — ora todos os meus argumentos estão confirmando esse lemma — d'onde se segue, que o compadre Tavares, inconsciente do que leu, se aconselhou o grande ministro, levou-o a não attender ás recommendações do chefe regenerador — o sr. Aguiar.

Em 1880 no 1.º numero da *Revista Nacional*, e no artigo — *Os Bancos e a Moeda Fiduciaria* — dissemos:

Se, resultam crises dos abusos ou simulações com que os bancos e as companhias especulam ás vezes, outras ha que apparecem no meio das suas operações normaes e regulares: essas que é de todo o interesse que se esclareçam e previnam, e tem causas independentes da moralidade com que são regidos aquelles estabelecimentos.

Quanto a nós, n'este assumpto assás confuso e difficil o que primeiro convém averiguar se é o que influe no capital livre ou disponivel, um dos elementos mais essenciaes e tambem dos mais variaveis da ordem economica. E' com a mira nas suas relações com a produção, o imposto, a economia annual, as exigencias do commercio e da industria, com a moeda papel e taxa do juro que uma nação ha de guiar-se racionalmente em materia de credito e de finanças.

Entre nós nunca se attendeu á causa, nem á verdadeira influencia das suas variações.

Se conhecido bem o alcance d'estas questões fossem assaz debatidas na imprensa e no parla-

mento, parece-nos que de algumas medidas governativas teriam sido umas regeitadas, outras modificadas, e que a opinião geral estaria mais illustrada em assumpto tão importante.

Levantou-se um partido com a bandeira — economias, — mas fundou-se apenas em razões moraes e de justiça e não em razões economicas, afirmando só que seria injusto e immoral pedir sacrificios ao paiz antes de operadas as reduções possíveis, e de acabarem as despesas superfluas.

Quando se falla na necessidade de que o fundo disponivel se conserve em dadas proporções não é raro ouvir-se a objecção — que a riqueza não é o dinheiro, — verdade bem sabida hoje, e que é como a expressão geral da economia moderna. como se esta verdade se offendesse com aquella asserção, ou houvesse alguma contradicção entre ellas.

Póde uma nação ser hoje mais rica e ter um capital livre menor que o que tinha em outra época em que ella estava menos desenvolvida nas suas forças productivas, e pelo aperfeçoamento do credito, e ainda assim quando fór muito sensivel, ha de produzir uma alteração grave, mais ou menos duravel, na sua vida economica.

Para encurtarmos razões citaremos um exemplo: a França em 1857 era sem duvida mais rica do que em 1847 e comtudo tinha menos capital disponivel; no espaço que medeia entre estas duas épocas, em dez annos gastou vinte e tres milhares de francos; a economia annual, era pelo que se julga, de milhar e meio, que em dez annos monta a quinze milhares; em 1857 oito milhares faltaram ao seu fundo disponivel, — e eis a causa da crise que então se manifestou.

No nosso paiz os continuados empréstimos aos governos, o imposto crescente, a compra de fundos estrangeiros, a immobilisação em alguns melhoramentos industriaes e nas obras dos municipios, as sommas tiradas da praça pelo banco predial para applicações improductivas (como se sabe), a desamortisação, os novos direitos sobre as heranças, de sello, de registo, mesmo até as substituições militares, devem tel-o diminuido consideravelmente, sem que as nossas economias annuaes, isto é os excessos de produção sobre o consumo indispensavel, tenham podido restaural-o; mas um incidente feliz veio remediar em grande parte esse mal, isto é o dinheiro que os nossos colonos do Brazil derramam constantemente nas praças, e até pelas nossas villas e aldeias.

Por todas essas razões não devemos inferir que é tão prospero o nosso estado economico como parece e como se julga.

1.º Porque esse capital não exprime, não representa, o excesso dos nossos recursos proprios sob e as necessidades regulares.

2.º Porque longe de haver esse excesso nem se compensam.

3.º Porque não corresponde ao que produzimos annualmente.

4.º Porque estando livre talvez um dia se retire para emprezas estranhas, quando as nacionaes o não remunerem.

5.º Porque as nossas economias annuaes, quando as haja,

não podem renovar-o facilmente como em outro paiz mais activo e productor: e n'este caso a sua falta ser-nos-ha mais sensivel.

Qual não foi o meu espanto, quando recebendo o livro de Funck-Brentano que data de 1893, e que só ha pouco recebemos da *Livraria Moraes* de Lisboa, ácerca do estado financeiro da França, li as mesmas reflexões, que tinha feito sobre Portugal — apesar de ser tão pouco provavel a paridade entre a grande e activa republica e o pequeno e abatido paiz do occidente —!

Diz o sr. Brentano: «Ninguém tinha notado, que os saldos dos orçamentos não eram o resultado da prosperidade industrial e commercial, ou do orçamento geral, mas dos capitães emprestados e gastos em trabalhos improductivos.»

«O dinheiro lançado n'estes trabalhos voltava ao Estado nos 4 milhares d'impostos como absorvido por uma bomba aspirante.»

Não se realisando o empréstimo de 1881 os *deficits* succederam aos *deficits*.

As caixas economicas deram os seus capitães, a divida flutuante foi levada a um algarismo assustador — os *deficits* continuaram — um novo empréstimo foi coberto como os outros, mas debalde — a bomba aspirava no vacuo — e então se clamou, nada d'impostos, nada d'empréstimos novos — era outro erro.

Não se comprehendeu a razão dos *deficits*, como não se havia comprehendido a causa dos saldos prodigiosos.

A unica differença é, que em Portugal nunca chegou a haver saldos, senão nos orçamentos artificiaes do sr. Carrilho.

Ora bem — ainda não porão aqui os olhos os nossos estadistas.

Dir-me-hão ainda os Tavares, o dinheiro não é riqueza?!

(Continúa.)
 Lourenço d'Almeida e Medeiros

BALSAC E PAULO ALBERT

VI

Sendo obrigado pelo sr. Theophilo Braga a provar mais uma vez no *Seculo*, e d'um modo incontestavel, que Soares de Passos não compoz, nem ideou o *Firmamento*, nem podia lembrar-se d'isso, esta nova reclamação desagradou ao censor dos meus artigos sobre Balsac, o sr. Silva Pinto, que na *Voz Publica* veio dizer-me — cha mais de 30 annos já vive que defender Balsac de Lourenço d'Almeida — eu posso perdoar as offensas pessoaes, mas não as irreverencias aos mortos illustres».

Se eu soubesse, que lhe competia perdoar, ou não, as irreverencias aos mortos d'aquella especie, ou não me arriscaria a um acto, que julga reprehensivel, ou já haveria solicitado o seu perdão.

Continuo, porém, a mostrar, que o meu conceito sobre o eminente romancista, escripto em 1868, e publicado 4 ou 5 annos depois no *Districto d'Aveiro*, se acha conforme ás apreciações dos criticos francezes de maior nome, e entre estes de Taine, para o qual o meu censor me remette,

Muito estimo, que reconheça o merito d'este bom critico, dom, que o meu rispido censor não concede facilmente.

Expor a opinião de Taire dar-me-ha pois algum direito á indulgencia, que espero.

Recebi ha pouco da *Livraria Moraes* de Lisboa as *Controversias litterarias* do Sr. Silva Pinto, e da *Livraria Magalhães e Moniz* do Porto os *Novos Estudos* de Taine, (8.ª edição, 1892) — Vamos confrontar os *Estudos e as Controversias*.

Diz a censura:

«1.º Os dois artigos, que constituem o trabalho de L. d'Almeida tem por base falsidades sem conta, e representam quando muito, um pallido reflexo da critica odienta de Armand de Pontmartin.»

Nunca li Pontmartin — e fico sabendo, que os meus artigos são um pallido reflexo da sua critica odienta — o que já é um argumento em favor de nós ambos, visto que dois espiritos, sem saberem um do outro, se encontram no mesmo laudo, ha muita probabilidade em acertarem; e tambem d'ahi se induz, que não é odienta a critica de Pontmartin — e se o é, não deixará de ser justa.

Diz o meu censor, que não *formula asserções gratuitas*, que me dá a razão do seu dito».

Eil-a:

«2.º O sr. Lourenço d'Almeida descobriu nos typos virtuosos da *Comedia Humana* uma moralidade methodica; além d'esta descoberta, acoima de *insciente* Balsac no segundo artigo, e taxa-o de erudito no primeiro — A primeira parte da accusação não se discute; remette-se o leitor aos documentos — e eis tu lo».

«Contra a segunda protestam os vultos de *Perrette, Eugenia Grandet, Eva Séchard, Margarida Clais* — etc. — (só mulheres?)

Aqui ha engano d'ordem — esta é a 1.ª parte da accusação — porque a segunda não se discute.

Eu é que a discuto.

Já disse que chamei e chamo ainda *inscientifica*, e até imaginaria, a psychologia de Balsac — isto é, não fundada em observações e a principios rigorosos — e para justificar o meu juizo bastou-me reproduzir as passagens do auctor, em que li as suas extravagantes theorias.

Inscientico não é *insciente* — repito. E se *tachei* Balsac d'erudito — não ha contradicção alguma entre accusal-o d'uma theoria phantastica, ou inscientifica, e consideral-o como cheio d'erudição no que respeita a vida exterior ou as varias occupações humanas.

Essa contradicção é que é uma descoberta.

«3.º Emquanto aos typos virtuosos eu já os puz bem em relevo, e sem restricções d'outros criticos, entre estes de Paulo Albert. — Nada lhe valeu notal-os, porque eu não os contesto. — Da moralidade methodica fallaremos mais adiante.

«4.º O sr. L. d'Almeida segue o processo de Taine e Philaret Charles — investiga os accidentes diversos da vida do auctor para chegar á comprehensão da obra.»

(O processo de Taine é mais alguma coisa).

«Diz que o segui *estouvadamente*, pretendendo com outros, sacrificar a poderosa individuali-

dade de Balsac ás condições do seu viver.

«O auctor da *Comedia Humana* obedece, segundo o sr. L. d'Almeida a este estado doloroso, e dá-nos uma serie de livros, cuja mola principal é o dinheiro e a luta para obtel-o».

«O sr. L. d'Almeida não viu que ali mesmo se revelava o poder analytico do grande artistico e a sua observação interior».

Se tal é, como é que fui *estovado* vendo e affirmando, que a «febre do ouro é quem animava os seus romances» etc. etc. — se ahi se revelava o poder analytico do grande Balsac?

Vi, e não vi! — condemna, e absolvi! Eu chamaria *estouvada* á censura, se não esperasse o perão do censor, ao qual tenho cada vez mais direito.

Fui *estovado*, e atinei com o espirito das analyses do grande artista?

Segui o processo de Taine, que investiga a vida dos escriptores a fim de *comprender as obras*, notei o que mais influiu na *poderosa individualidade de Balsac*, e que realmente está em relação com as suas produções mais salientes, e pareceu ao meu censor que foi estovado?

«5.º Quem seguiu o processo de Taine, devia conhecer a opinião da *methodista* acerca de Balsac — **é com as palavras d'aquelle que refutamos** o sr. Lourenço d'Almeida:

Vem refutar-me com Taine?! Já não devo admirar-me.

Ahi vai a passagem, que cita.

«Il expose les spéculations, l'économie, les achats, les contrats, les aventures du commerce, les inventions de l'industrie, les combinaisons de l'agiotage — il peignit les avoués, les recors, les banquiers — il fit entrer partout le Code Civil et la lettre de change — il rendit les affaires poétiques — il institua des combats comme ceux des heros antiques, mas *cette fois autour d'une succession*, et d'un dot avec les gens de loi pour soldats et le Code pour arsenal.»

«Sous sa plume les millions s'accumulèrent. On vit les fortunes, qu'il maniait, *s'enfler, engloutir leurs voisines*, s'étaler en gros-seurs monstrueuses, puis déborder en luxe, en puissance.»

«Les lecteurs se sentaient **gilsser sur une nappe d'or**.

De lá une **partie** de sa gloire. Il nous represente la vie, que nous menons, il nous parle des interets, que nous agitent, il assouvit les **convulsions**, dont nous souffrons.»

Traduzamos.

«Balsac expôz a economia, as especulações, os contractos, as aventuras do commercio, as invenções da industria, os calculos da agiotagem — pintou os procuradores, os beaguins e os banqueiros — fez entrar em tudo o Codigo Civil e a letra de cambio — poetizou os negocios; descreveu combates como os dos antigos herões, mas d'esta vez á **voltá** d'uma herança, ou de um dote com os empregados judiciaes por soldados, e o Codigo por arsenal. Accumularam-se os milhões debaixo da sua penna — viram-se as fortunas, que manejava, empolarem, engolirem-se suas visinhas, ostentarem-se monstruosas, depois transbordarem de luxo e de poder.»

«Os leitores sentiam-se flutuar

em ondas d'ouro. D'ahi uma parte da sua gloria.»

Representa-nos a vida, que levamos, os **Interesses**, que nos agitam; e satisfaz as cubicas, que nos inquietam.

Mas d'ahi por ventura se conclue **tambem**, que não exagerasse as paixões e vicios dominantes?

Já a mesma citação não o estará dizendo?

Onde é, que ella me refuta?

Eu escrevi:

«A situação e as crises mui prolongadas da vida influem nas idéas, e no caracter, desenvolvem as paixões e as faculdades, que estão mais em relação com ellas, e refletem-se nos escriptos.

Balsac, homem d'immensas aspirações, mas pobre, dominado pelo desejo do esplendor e da gloria, infeliz em todas as suas emprezas, e cheio de dividas, quiz á força de vontade e trabalho recuperar a sua independencia e a honra do seu nome.

A febre do ouro exaltou-lhe a imaginação, e agitava-lhe a penna. Atravez d'essa preocupação viu elle a sociedade inteira.

D'ahi a exageração das suas concepções, nas quaes entra sempre uma **paixão exclusiva**, ou um vicio dominante e o frezei do dinheiro, com que se alimentam.

Todos os seus romances reproduzem e variam esse thema, verdadeiros nos detalhes exteriores copiados da realidade minuciosamente, **mas falsos** na maneira de conceber a vida interior, a idéa essencial, que anima os caracteres, contra a qual protesta a psicologia de todas as epochas.

Consiste a verdade dos seus livros na acção toda positiva e real, **na descrição dos interesses actuaes**, (o mesmo que diz a passagem citada) e dos objectos sobre que as industrias, as artes, as profissões se exercem — **mas os principios moraes** que põe em jogo **são antes** uma invenção sua, que a **imagem** do homem quer na sua maior depravação, quer na sua mais elevada moralidade.

E' o que se lê logo no começo do meu 1.º artigo, onde uma parte é inteiramente conforme á passagem, que o meu censor não hesitou em transcrever, e da outra parte, isto é, da idéa moral, ou theoria geral da indole humana, ainda alli não se trata, mas Taine no decurso da sua analyse vem a confirmar-me como veremos.

Essa idéa, que apurei, e claramente expuz, é quem precisava d'uma discussão, simples que fosse, mas é do que se dispensa o meu censor, citando apenas a passagem de Taine que me abona, e que eu lhe agradeço.

Já não desisto d'uma absolvição completa.

(Continua).

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

FOLHETIM

NOITES DE CORINTHO

por Debay

Os Serões de Lais

XX

Acceitei o bolo e a lampada e á sua frouxa luz andei com precaução sem encontrar obstaculos; passados momentos ouvi os latidos do cerbero, que se amudavam á medida que eu avançava. Proximo da porta vi um cão monstruoso, armado d'enormes dentes, ameaçando despedaçar o que d'elle se approximasse. Confiado, todavia, na palavra de Melissa, atirei-lhe o bolo que n'um instante fôra engulido. O effeito annunciado realisou-se; o cão inclinára a cabeça para a frente e adormeceu. Então caminhei nas pontas dos pés, toquei a campainha, e immediatamente se abriram as portas com enorme estrondo.

O cerbero, que este barulho, acordára, lança-se atraz de mim;

LITTERATURA

AINDA O SR. THEOPHILO BRAGA E BALSAC

Isto são duas palavras ao sr. Silva Pinto. Trato-me com elle de igual para igual, pois inflizmente em assumpto de litteratura ainda não preciso descer para conversar com os mais humildes. Isso é bom para as nossas aguias litterarias, que só combatem umas com as outras e nas alturas onde as nossas vistas não chegam, e onde as circunda de claridades o brilho mais intenso do sol.

Como um velho e nobre cavalleiro andante, o sr. Silva Pinto proclama a todo o mundo a belleza da sua dama e está prompto a batalhar e a morrer por ella.

A sua dama é o sr. Theophilo Braga. E' uma Dulcinea. Pois tem que levantar muitos aggravos, se me não engano, e prophetiso-lhe os espinhos da maior ingratição, como unico agradecimento. Verá (note-se).

Começa o sr. Silva Pinto a defesa por esta *solida* rasão: «O illustre historiador da litteratura portuguesa *despresa de ordinario o estylo* e os arrebiques que para tantos constituem a unica bagagem.»

Preciso declarar uma coisa O que vae ler-se não é propriamente o que eu respondo; é o que eu responderia se fosse possível o sr. Theophilo Braga aceitar para se defender tanto o defensor como a argumentação.

Fazem muito mal os que se confiam ás sonoridades das palavras harmoniosas, aos enfeites brilhantes, aos *arrebiques* para encobrirem a sua falta absoluta de idéas, e o sr. Theophilo Braga faz muito bem em não praticar como elles.

Mas pergunto eu: o que quer dizer *desprezar de ordinario o estylo*? O que fica sendo um homem de letras que na difficil arte de escrever começa por tomar esta resolução? Que direito tem para fazel-o, o sr. Theophilo Braga e ficar sendo poeta, bibliographo, historiador, critico, lexicographo, romancista, escriptor, para resumir tudo n'uma palavra só?

E o que é triste na verdade é não ser só o sr. Silva Pinto que o diz, é ser effectivamente o sr. Theophilo Braga que o faz.

Pois o estylo pôde ser acceito ou repudiado por cada um segundo as velleidades do seu juizo ou segundo os caprichos da moda? Não será elle uma consequencia fatal dos inestimaveis dons, e pensamento e a palavra? Está por ventura sugeito a altas e baixas como os fundos publicos? Hoje é querido, amanhã desprezados? Será elle alguma coisa que se possa

deitar, a um canto como se abandona um casaco ou um colete desbotado? Oh! profundissima ignorancia! Mas que admira que não transitasse nunca pelos caminhos da eloquencia e da rethorica um homem tão mediocremente instruido que nem sabe francez, nem co-graphica, nem historia, nem instrucção primaria até?

Desprezar o estylo! O estylo, sr. Theophilo Braga não é uma superfluidade vaidosa da arte, não é uma ostentação de rico, não é nenhum disfarce de arlequin nem nenhuma sanefa ou bandeirola de arraial.

E' o marmore onde fica esculpido o pensamento divino, o estylo que fixa de um modo indelevel as idéas dos outros homens na nossa alma, o molde em que se vasa a concepção do genio, a chlamyde branca que na estatua immortal da belleza véla e contorna as formas originaes.

Vejam, porém, que attentado é o do sr. Theophilo Braga, quando applica as suas idéas anarchicas sobre estylo, á traducção de Balsac, que é o caso especial que discutimos.

Balsac é desde o seculo XV, talvez, o maior stylista de França. E' um encanto lê-lo. Não ha elogios, por hyperbolicos que pareçam, que estejam á altura do seu estylo deslumbrante.

Para attingir esta perfeição trabalhou e atormentou-se a vida toda.

Diz d'elle um seu biographo, Filippe Busoni: «Levou até ao exagero, na arte de escrever o processo de João Jacques, de Buffon e de Chateaubriand; exagero digno dos maiores louvores, comtudo. A sua concepção era prompta; mas a phrase era trabalhada laboriosamente.»

A admiração não tem expressões que saibam traduzir o que se sente com a leitura de muitas das suas paginas monumentaes e deliciosas. A sua penna era delicada e firme como um buril. Manejava-a com attenção, demorava-a com minuciosidade e amor na sua obra e por isso a estatua sahia sempre perfectissima das mãos d'aquelle prodigioso esculptor da palavra escripta. Consumiu a existencia n'esta lucta, matou-se pelo ideal que perseguia. Honrou e glorificou a sua lingua, aprendeu-a e soube-a e não envergonhou a patria com ella. Os cuidados que deu aos labores e arrendados do estylo não o impediram nunca de manifestar com toda a simplicidade as suas concepções sublimes. Foi um levita que nunca manchou as vestes; um sacerdote austero da arte; para elle a deusa andou sempre coroada de rosas e vestida de arminhos.

Como corresponde o sr. Theophilo Braga á santidade d'estes esforços, á honestidade do consciencioso e grande trabalhador;

sahi victorioso d'esta lucta. Durante o meu trajecto no abysmo vagueavam as sombras dos mortos privados de sepultura, assim como as dos maus se arrastavam nas espessas lamas do Cocyto esperando que as orações, os sacrificios e offerendas dos parentes ou amigos viessem moderar a colera dos deuses e libertal-os d'este logar de dôr. Emfim, eu mesmo andei errante á volta d'um grande muro do recinto, não sabendo já para onde ir, quando uma voz, que parecia vir debaixo da terra, me fallou assim:

«Iniciado d'Eleusis, as tuas provas estão acabadas com satisfação do Hierophante, mas, antes de seres admittido a contemplar a verdadeira luz, tens ainda d'atravessar o tartaro, lugar de eterno lucto, onde os criminosos e os impios recebem um justo castigo. Recordas bem isto, iniciado d'Eleusis: se jamais fôres prejuro, se faltares ao respeito devido aos deuses e seus ministros, serás para sempre votado aos mesmos supplicios, ás mesmas torturas de que os teus olhos vão ser testemunhas.»

As portas do Tartaro só têm sido abertas a alguns mortaes, bem-

que respeito lhe tem, com que deferencia o trata?

O sr. Theophilo Braga despreza, de ordinario, o estylo!

Pois isto pôde, por ventura, admittir-se? Despreze-o no que é seu, se não quer passar de um reles escriptor sem consideração nem renome; mas não dispa os pensamentos do genio dos adornos que o genio julgou indispensaveis!

Não altere as côrtes do quadro luminoso e immortal; não lhe apague os cambiantes doces, as tranções cuidadas, os reflexos ideaes! Não profane a estatua branca que o artista cinzelou; não ria das bagas que o grande homem suou debruçado horas e horas na sua mesa de trabalho, para sair glorioso do combate que se travava no seu espirito entre o pensamento e a expressão! A acção do sr. Theophilo Braga é o mais condemnavel vandalismo.

O verdadeiro estylo que o sr. Theophilo Braga despreza é a grammatica e a propriedade do termo, é a claresa, é o bom senso, é a fidelidade da expressão, é a simplicidade elegante que não pôde ter, é o adorno commedido que não sabe usar, é a phrase malleavel que tem de ajustar-se ás ondulações do espirito e que ora desce rastejando pelas familiaridades do dizer, ora sobe aos pincares da eloquencia quando o pensamento é grande e sabe elevar-se.

O sr. Theophilo Braga despreza o estylo; despreza, sim, como a raposa despresou os cachos a que não podia chegar. Esta é que é, infelizmente, a verdade.

Ter pensamentos, quando se escreve; é um dom estimavel e necessario; mas é um dom inutil se se não souber apresental-os, como elles nascem e como são, com verdade, naturalidade e ordem. Isto é o que constitue, no meu entender, o estylo de cada um.

Não basta ter uma idéa. E' preciso fixar-lhe a forma ainda, surprehender no melhor instante o Proteo quasi intangivel. E' necessario vestil-a com gosto e mimo. Não é só tecer-lhe o manto, é agitar-lhe com nobreza e elegancia as pregas graciosas. A idéa é uma deusa que se quer tratada com simplicidade; mas ao mesmo tempo com amor e cuidado; deve ser adornada sim, mas sem atavios demasiados. Não é como a Venus que o discipulo de Zeuxis fez rica porque a não poude fazer formosa. Quando de sua natureza tem a formosura, a riqueza exterior dispensa-se. Vale por si, como uma mulher bella, pelas graças naturaes.

Eis o estylo. Felizes, comtudo, os que podem augmentar os prazeres puros do espirito que nos dão nas suas idéas, com as delicias musicas das suas palavras.

feitores da humanidade: Hercules, Theseo, Castor, e Pollux. Para os outros abrem-se quando morrem e se fecham para sempre.

A iniciação dá o privilegio de lá entrar e sahir

Jura pelo Styx, que a teus pés corre, d'acceitares antes a morte do que revelares os nossos mysterios, e pensa que os proprios deuses nunca infringiram este juramento.»

Desejando chegar ao fim, repeti o juramento que exigiam.

De fronte de mim abriram-se immediatamente as portas do Tartaro, e entrei acompanhado de relampagos e de formidaveis trovões; passei, como visitante, no imperio de Pluton — vi todas as fabulas que já conhecia, executadas com a mais impressionante exactidão: os Titans fulminados; os gigantes, filhos d'Allóús, derrubados e presos a cadeias; Ticias, cujo immenso corpo encobre novegeiras; no cume d'uma rocha, o infeliz Prometheu, a quem um abutre levra as entranhas que sempre lhe renascem; o impio Salmoneo espiando nas torturas a sua audacia de querer imitar os raios de Jupiter; Sysipho, rolando uma rocha enorme, sempre em

O estylo não está na melodia das expressões, nem no requerbrado das phrases, nem na cadencia sonora dos periodos, unicamente. Está ainda e sobretudo na propriedade dos termos, na abundancia dos pensamentos, na deducção logica e na collocação acertada das idéas. Está principalmente na ordem, no conjuncto, na harmonia d'ellas. No quadro regular que todas formam em um dado escripto, cada uma deve occupar o logar preciso illuminada com a luz propria, nem de mais nem de menos mantendo a côr geral que pede o assumpto, o tom verdadeiro, simples ou grave, magestoso ou sublime.

Os que conhecem a arte respeitam-n'a, não a desprezam. Respeitaram-n'a e sacrificaram-se por ella Balzac Chateaubriand e muitos outros. Respeite-a igualmente o sr. Theophilo Braga, ao menos quando lidar com aquelles genios immensamente respeitaveis. Porque é bom que se diga, o sr. T. Braga já fez a Chateaubriand o mesmo, se não peor do que o que fez a Balzac. O que não posso affirmar agora é se foi com as mesmas intenções. O certo é que foi com os mesmos resultados.

O segundo argumento é que a traducção foi feita em *uma hora de ocio, para nos dar uma amostra do romance realista d'além dos Pyrincoz, para o confrontar d'este modo com o que por cá temos e para lavar um protesto contra a incuria dos nossos traductores*.

E a este respeito diz ainda que se Balzac não é mais divulgado entre nós é porque a sua forma se presta pouco aos *estylistas que traduzem de empreitada*.

Exactamente o que diz e o que pensa o sr. Theophilo Braga.

Muito bem. Assim o sr. Theophilo Braga tem dois modos de traduzir e interpretar os auctores; um para as horas de ocio, outro para as de trabalho. Este é o modo bom, aquelle deploravel. Digam-nos d'essas. Ora se o sr. Theophilo Braga se tivesse lembrado d'este defeito da sua organisação e escolhesse para conseguir aquelles fins que tinha em vista, uma das suas horas de lida, um d'aquelles momentos em que não tem mãos a medir com o expediente da sua loja de litteratura feita e de encomenda, então, sim, então afortunado Balzac! que deliciosa traducção nós ahí tinhamos!

Mas se estava gosando os seus ocios tranquillos! se o pobre do homem não tinha nada que fazer! Se estava muito regaladamente a saborear o seu chiaruto depois do jantar! Se tomava a liberdade de calçar as suas chinelas e agasalhar a cabeça com o seu barrete bordado! Se estava bem! Se lhe era licito ficar ali a noite inteira

risco de ser por ella esmagado; Ixion condemnado ao supplicio da roda; Tantalos, ao supplicio da fome e da sede; os Danaides e seu tonel; por toda a parte criminosos perseguidos das harpias e atormentados pelas furias; por todos os lados gemidos, gritos de desespero d'envolto com lugubres ruidos de cadeias e de azorragues. Os traidores, prejuros, infieis, assassinos e outros criminosos soffrem pelo fogo e ferro a recompensa dos seus crimes.

Estas scenas diversas eram reproduzidas com tal fidelidade que o maior numero dos iniciados as julgavam reaes.

Esta grande fabula sacerdotal tem um fim digno de louvor; o de inspirar o horror do vicio e o amor da virtude; o d'animar os bons e amedrontar os maus.

A mesma voz que me franqueára o Tartaro, de novos e fez ouvir me disse:

«Possam as torturas infligidas aos maus no imperio dos mortos, d'onde sahem jamais, incutirem-te um profundo horror pelo vicio e o amor á virtude.»

Clara de Miranda

(Continúa).

ocioso e quieto como um turco recostado no seu divan!

Como querem que um homem *comme il faut*, entenda o seu francez assim? Quando se está n'este estado traduz-se como traduziria para a nossa lingua o turco da comparação.

Podem dar ambos as suas mãos, sr. Theophilo Braga e sr. Silva Pinto! teem carradas de razão.

Então para que é um homem Theophilo Braga neste mundo? E' para fazer simples e naturalmente o que os mais homens fazem? E' para saber o que estuda, para entender o que lê, para escrever o que sabe? Isso faz o leitor, isso faz qualquer mortal, isso faz quem não teve a dita de nascer genio! não aquelles de quem o sr. Theophilo Braga diz na sua phrase modesta:—«De continuo se alevantam os que o não conhecem; não lhe achando um ar escultural, não suspeitam, nem sabem vêr, que debaixo d'aquella timidez, de tanta modestia, de uma pobreza muda e ingenuidade simples, anda um colosso, um gigante, um Deus.»

Estes se se mettem nas obras dos mortaes teem outros processos muito diffentes de realisa-as.

Nunca se vio nenhum precisar estudar o que sabe; nem entender o que lê, nem saber o que escreve.

Chegam sempre ao fim sem passarem pelo meio nem começarem pelo principio. São mestres antes de serem discipulos. Bem afortunados!

(Continua)

(Diario Illustrado n.º 410, 1873)

Artigo esplendio!

Fernandes Costa.

AS TRES FLORES

Em uma bella tarde de setembro conversavam animadamente o lyrio a rosa e a violeta.

O lyrio, muito branco e adorante, assomado numa enorme haste, qual rei soberbo assentado em grande throno, falava:

—Eu sou a flor da saudade; sou eu que ornamento as sepulturas dos mortos queridos, regando-as com minhas lagrimas, cobrindo-as com minhas petelas, aromando-as com meus suspiros... Sou eu que, nos claustros tristinhos, escuto os soluços das noviças, os gemidos das freiras, os queixumes dos frades... Sou eu que...

—Basta! interrompeu bruscamente a rosa. Peço-te que me deixes tambem falar. E disse a rosa:

—E eu que sou?.. Eu sou a deusa das festas, a rainha dos jardins, a predilecta das moças. Sou eu que, no turbilhão das valsas, adorno o peito da gentil donzella; sou eu que, nos jardins formosos, derramo graça e vida; sou eu que, nas sumptuosas festas, enfeito os custosos moveis... Eu sou o encanto, a poesia, o amor!

—E tu, gentil violeta, nada dizes — perguntou o formoso lyrio.

—Eu... falou suspirando aquella... que sou eu? Ninguem se importa commigo Eu vivo abandonada e triste, aqui junto á terra humida, sem admirar a belleza do sol, nem receber o cicio da aragem. Tu, rosa, tu és a belleza, a alegria; tu lyrio, a saudade, a lembrança; enquanto que eu... sou a meiguice, a candura...

Então, chegou pertininho dellas uma gentil morena, e as colheu depressa.

O lyrio foi lançado na pequenina cesta; a rosa ficou presa entre seus alvos dentes; e a violeta?... a violeta ficou segura junto ao seu livre coração...

.....
Ao longe, o pequeno sino soltava ao vento suaves toques...
Cahia a noite!

A. E

CRONICA D'ESMORIZ

Tinhamos posto ponto final no assumpto e prometido não mais a elle voltar; mas razões imperiosas obrigam-nos a um post scriptum e por isso... ei-lo: Pessoas de nossa amizade informam-nos de que os srs. Marques Reis e Agostinho Fardilha, membros da Junta de Parochia de Cortegaça, affirmam, onde quer que se encontram, que só tiveram conhecimento do que se passara a respeito do accordo entre as duas corporações para ultimarem a sua contenda, depois que viram o marco junto á estrada d'Ovar, pois que o seu parochio tudo fizera sem ouvir a sua Junta de parochia.

Como julgamos S. Ex.^{ma} dois homens de bem e incapazes de fazerem uma tal declaração, se ella não fosse verdadeira, aceitamol-a e aqui a deixamos consignada para que os nossos leitores avaliem até onde foi... a leviandade do Sr. Abbade de Cortegaça!

Por ultimo diremos que depois de ler o que o correspondente de Cortegaça para a «Discussão» diz a respeito de novas negociações para a ultimação, da contenda, fomos saber o que havia e nos informaram ser verdade estar mettido nisso um cavalheiro de Cortegaça, mas... que parece ficaram as cousas no mesmo estado em que se encontram.

E o motivo é... que os d'Esmoriz, tendo apparecido o antigo marco d'icisorio, não aceitaram accordo que lhes não seja honroso. Nós somos da mesma opinião.

Acima das questões d'interesses, sem pairar a dignidade dos homens. No entanto vamos a ver que d'alli sae.

E encerrado o post-scriptum vamos aos assumptos que haviamos escolhido para esta chronica—a futura epocha balnear na nossa Costa.

Ai o que por ahi corre a tal respeito! Que vae ser uma cauza nunca vista e que por esse motivo a concorrência de forasteiros de caça e de fóra vae ser enorme. Que a nossa troupe muzical que já adquiriu saxtropa, clarinete, bombardino e cornetim e que promete adquirir breve outros instrumentos, que a nossa troupe se prepara para ir alli tocar todos os domingos de tarde em coreto que para esse fim lá vae ser levantado. Ora se até aqui Esmoriz ia nos domingos em grande massa á Costa, este anno decerto se despovoal! Verão. Nós louvamos e applaudimos tudo o que possa concorrer para o engrandecimento d'aquella Costa á qual julgamos estar destinado um brilhante futuro. Deixem que se ultimem os trabalhos da estrada do mar e verão.

Não ha praia nenhuma do nosso paiz que tenha á roda de si as bellezas naturaes que esta possui. Basta citar a Barrinha e os seus arredores.

—Dizem-nos que dentro em breve teremos aqui um pequenissimo theatro, onde algumas familias passarão alegremente as noutes. Deve-se o facto á iniciativa dos briosos rapazes que compõem a nossa troupe muzical. Ha entre elles alguns que pelo seu feitio e pela sua verve hão-de representar alli um brilhante papel. Os ensaios vão principiar.

—Está quasi concluida a casa que a nossa Associação de Socorros Mutuos mandou construir. Fica um bello edificio. A associação occupará o andar nobre e o rez-do-chão vae ser occupado pela escola de S. Francisco de Sales e «Troupe Musical Esmorisiense» que lh'o arrendaram.

—As festas da Paschoa decorreram bem. O lugar de Juiz da Cruz pertenceu este anno ao Sr. Manoel Ramalho, do lugar do Paço que offereceu aos compassos que andaram a dar as boas festas pela freguezia um bom jantar.

—E já que a minha chronica d'hoje tomou este feitio deixem que lhes diga que acaba de ser encomendado em Braga para a igreja desta freguezia um orgão pela quantia de 1.000\$000 réis. Deve ser coisa que se veja. O artista a quem foi encomendado, o Sr.

Augusto Claro, é o que ha de mais abalizado no nosso paiz. Construiu ultimamente para duas egrejas de Lisboa dois que foram muito elogiados pelos peritos que o examinaram e pelos professores de musica que foram chamados a experimental-os.

Zé Petinga.

BOLETIM ELEGANTE

Fez annos no dia 18 a Ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Graça de Jesus, esposa do nosso amigo José Marques da Silva Terra, e professora ajudante da escola «Conde de Ferreira» d'esta villa.

e faz no dia 24 — a menina Emilia, filha do sr. João Antonio Lopes, negociante da rua da Praça.

Fazem annos no dia 23 a sr.^a Anna Marques da Silva, Luiz Dias de Rezende, e Francisco Dias de Rezende, esposa e filhos do sr. José Maria Dias de Rezende.

NOTICIARIO

Doentes

Acham-se encommodados de saude os srs. Francisco Joaquim Nogueira Junior, escrivão de fazenda, d'este concelho e Amadeu Soares Lopes, escrivão de direito, n'esta comarca.

Desejamos-lhes prompto restabelecimento.

S. JOSÉ

Tem lugar, hoje, na Egreja Matriz, desta villa, a festividade em honra do Patriarcha S. José, constando, de manhã, de missa solemne a grande instrumental pela «Banda dos Voluntarios d'Ovar», sermão ao Evangelho, e, de tarde, vespersas, sermão e, em seguida, procissão, percorrendo o itinerario do estylo.

ESCOLAS

Foi resolvido pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica a creação d'uma escola feminina na freguesia de St.^a Marinha de Cortegaça, d'este concelho, e uma escola mixta, no lugar de Cabanaes, d'esta freguesia.

Este facto que merece louvores, produziu optima impressão, em virtude da necessidade inadiavel, de ha muitos annos reconhecida, de aquelles povos serem dotados com estabelecimentos d'ensino.

RECEBEDORES DE CONCELHOS

O jury que tem de apreciar as provas dos candidatos aos logares de recebedores é constituído pelos Conselheiros. chefe da 2.^a Repartição da Direcção Geral do Ministerio da Fazenda, Inspector Geral do Thesouro e Delegado do Thesouro no districto de Lisboa e do 1.^a classe adjuncto João Francisco Xavier de Eça Leal.

As provas hão-de verificar-se pela uma hora da tarde do dia 18 do proximo mez de maio, nas repartições de fazenda districtaes.

Dos 153 candidatos, contam-se d'este concelho dois, que são os srs. José de Castro Sequeira Vidal e Antonio Valente Compadre.

CYNEMATOGRAHO

Nasceu, cresceu e fez-se linda no seu bairro de Arruella, á entrada do Largo de S. Miguel, lado Direito, rez-do-chão.

Com a sua sympathia têm conquistado duros corações, mas amores adquiridos com tão grandes esforços, depressa esquecem e bem cedo morrem.

E' como um farrapo de nevoa que o sol desfaz!

Acostumada a ver as coisas por um prisma côr de rosa, phantasia lindos castellos illuminados por branco luar de noite estival.

Procurando na sua arvore geologica, vamos encontrar um ramo descendente dos antigos e valerosos castros.

Gil Bras.

Escola Movel Agricola

«CONDE DE SUCENA»

EM OVAR

Mapa das lições durante a 14.^a semana, desde 14 de abril a 21 de abril de 1907.

Agricultura — Assumptos das lições explicativas: Recapitulação das materias estudadas: cultura cerealifera, vinhas, vinhos, gados, adubos, etc.

Trabalhos práticos realizados: Preparação de adubos completos. Preparação de caldas cupricas. Preparação de papel carminal. Distribuição de adubos em cobertura, em batata, feijão, etc. Doseamento da acidez de um azeite. Doseamento alcoolico de vinhos. Reconhecimento de pureza de sulfato de cobre.

AGRADECIMENTO

A todas as pessoas que em tão duro transe os distinguiram com as provas da sua amizade e dedicação, acompanhando os restos mortaes de Joaquim Ferreira da Silva, bem como aos que assistiram á missa do setimo dia, agradecemos penhoradissimos a sua comparea, e pedindo desculpa de qualquer falta involuntaria que por ventura houvessemos praticado, protestamos a nossa indelevel gratidão.

Ovar, 18 d'Abril de 1907.

Thereza do Nascimento Ferreira Reis
Antonio Arthur Ferreira da Silva
Joaquim Augusto Ferreira da Silva
Maria Nathalia Ferreira Reis
José Herminio Marques Reis
Augusto Marques Reis
José Herminio Marques d'Oliveira Reis.

EDITOS DE 30 DIAS

1.^a Publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio do escrivão do 4.^o officio Frederico Abragão, correm editos de 30 dias contados da 2.^a publicação d'este annuncio no Diario do Governo, citando o interessado Manoel Pinto dos Santos, menor, pubere, ausente em parte incerta na Republica dos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario de menores a que se procede por obito de seu pae Antonio Maria Pinto dos Santos, que foi do largo dos Campos, d'esta Villa, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 21 de Dezembro de 1906

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito
Lobo Castello Branco

O Escrivão
Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Editos de 30 dias

1.^a Publicação

Pelo juizo de direito da Comarca de Ovar e cartorio do Escrivão Frederico Abragão correm editos

de 30 dias, contados da segunda publicação do annuncio respectivo no «Diario do Governo» citando o interessado Manoel Maria da Silva Martins, solteiro, maior, da rua nova de Vallega, mas ausente em parte incerta na Republica dos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario de menores a que se procede por fallecimento de seu pae Manoel da Silva Petis Martins, que foi d'aquelle logar da rua nova de Vallega, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 17 de abril de 1907

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito 2.^o substituto

Alves Cerqueira

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão

EDITAL

1.^a Publicação

Abel Augusto de Sousa e Pinho, Secretario da Camara Municipal do Concelho de Ovar, faz publico, que tendo organizado em harmonia com a Lei as relações do recenseamento eleitoral, foram essas relações affixadas nas egrejas das respectivas freguezias e expostas a exame e reclamação na Secretaria da Camara Municipal desde 18 do corrente mez até 12 de Maio proximo, das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, e distribuidas a todos os Parochos e Regedores do Concelho; e serão distribuidas a todas as pessoas que as reclamarem.

E para que chegue ao conhecimento de todos e se não possa allegar ignorancia se fez este e outros de igual theor, que serão affixados nos logares publicos do costume.

Ovar, 18 de Abril de 1907.

O Secretario da Camara Municipal

Abel Augusto de Sousa e Pinho

ARREMATACÃO

1.^a Publicação

No dia 5 de maio proximo pelas 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta Comarca, sito na Praça d'esta Villa, e na execução por custas e sellos que o Doutor Delegado move contra Luiz Marques da Silva, Filomena Andrea da Silva, Joaquim Hilario da Silva, solteiros, maiores, Emilia Isabel da Silva e Alcide Jacyntho da Silva menores puberes, todos ausentes em parte incerta na Republica dos Estados Unidos do Brazil se ha-de arrematar e enregar a quem mais dêr acima de tres quartas partes do seu valor preço porque é posto em praça o direito que os executados teem á quinta parte de uma divida activa de um conto de reis, de que são devedores Joaquim Fernandes da Silva e mulher, de Pereira, de S. Vicente de Pereira, d'esta Comarca, constituída por escriptura publica. Para a praça são sitados quaesquer credores incertos.

Ovar 12 de abril de 1907.

Verifiquei a exactidão.

Juiz de Direito 2.^o Substituto
Alves Cerqueira

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

PREVENCAO

O abaixo assignado declara que não se responsabilisa por divida ou transação de qualquer especie, que seu filho Abel da Silva Mattos, contraia.

Ovar, 10—4—907.

Agostinho da Silva Mattos.

ESTAÇÃO FRIORENTA

Um certamen vae haver,
Que decerto dá fiasco,
P'ra que se possa saber,
Qual é o senhor do TASCÓ
Que bom vinho 'stá a vender.

Mas de todo o concorrente,
Que ao concurso ABORDAR,
Diz por ahí toda a gente,
Que nenhum vae ABICHAR
A ponta d'um... prémio, sòmente.

Eu então cá por PIRRAÇA,
Affianço e.. tambem juro;
Que o LUZIO sempre caça,
Ter o MEU... prémio seguro,
E ao vél-o...ácha-lhe graça

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.
Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE
VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

EXTACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	66
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	80
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borracheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princesa Clotilde	60
O abbade da Ramalheira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formosa Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60
Historia da Princesa Leonor	60
» do Gaiteiro e a Velha das noses	60
» das Aventuras d'um Sacristão	60
» do João das Moças	60
A martyr da Honra	60
A filha Maldita	60
Historia do Conde Redondo	60
O Fradinho Atiradiço	60
O Conde de Monterey	60
Historia de João Urso	60

Envia-se o catalogo gratis a quem o requisitar

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Chrispim, 18 a 28

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulars, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO.